

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

EDUARDO ROBERTO SOARES BATISTA

**DISTOPIA: A CONSTRUÇÃO CONJUNTA DE UM CONCEITO**

PORTO ALEGRE

2024

EDUARDO ROBERTO SOARES BATISTA

**DISTOPIA: A CONSTRUÇÃO CONJUNTA DE UM CONCEITO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação  
apresentado ao Departamento de Filosofia do  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,  
como requisito parcial para a obtenção do  
título de Bacharel em Filosofia.

Orientadora Profa. Dra, Priscilla Tesch  
Spinelli

**PORTO ALEGRE**

**2024**

EDUARDO ROBERTO SOARES BATISTA

**DISTOPIA: A CONSTRUÇÃO CONJUNTA DE UM CONCEITO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientadora Profa. Dra, Priscilla Tesch Spinelli

Porto Alegre, 19 de fevereiro de 2024

**Resultado: Aprovado**

BANCA EXAMINADORA

---

Professora Doutora Inara Zanuzzi  
Departamento de Filosofia  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Professor Doutor Felipe Gonçalves Silva  
Departamento de Filosofia  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## RESUMO

Este trabalho é o resultado de uma atividade de extensão que teve como objetivo constituir uma comunidade de investigação composta por estudantes e comunidade externa à Universidade a fim de caracterizar o conceito de distopia em obras literárias selecionadas, buscando delimitar como este gênero literário se diferencia de outros assemelhados. Durante seis meses e dez encontros foram discutidas obras distópicas previamente selecionadas. Os encontros com duração de três horas foram realizados por meio de uma agenda em determinados sábados à tarde, durante os quais os participantes contribuíram com suas impressões sobre as obras e os aspectos distópicos que nelas podiam ser identificados. Buscou-se distinguir o gênero literário distopia de outros gêneros de ficção, através de aspectos que a caracterizam como tal. Esses principais aspectos foram relativos à liberdade individual, padronização de comportamentos, papel da família e da religião, métodos de controle social, ausência de direitos e modificação de registros de eventos passados, entre outros. Mesmo encontrando dificuldades em estabelecer um padrão de distopias, devido à grande variedade encontrada nas obras lidas, ao final dos encontros, o grupo elaborou um conceito inicial que pode ser definido como a descrição de uma sociedade degenerada no futuro, ou próxima de nosso presente, em que a ordem institucional e a individualidade se veem ameaçadas pela ausência de um Estado ou pela existência de um Estado anômalo pelo seu poder excessivo, que reescreve a história, e em que o desenvolvimento tecnológico, se existente, é a sustentação de uma ordem estabelecida e não sua determinante. Os encontros e as discussões mostraram que alguns aspectos distópicos em obras analisadas estão presentes no momento atual ou estiveram muito próximas de se tornar realidade, mostrando que as distopias são como um sinal de alerta para possíveis degenerações de nossa sociedade caso não existam posicionamentos de resistência a elas.

Palavras-chave: Literatura; Distopia; Sociedade;

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Cartaz de divulgação.....	29
<b>Figura 2</b> – Pontos resumidos e divulgados sobre o contexto e obra.....	29
<b>Figura 3</b> – Programação das leituras.....	30
<b>Figura 4</b> – Divulgação nas redes sociais antes de cada encontro.....	30
<b>Figura 5</b> – Lista de presenças.....	31
<b>Figura 6</b> – Área do primeiro encontro.....	31
<b>Figura 7</b> - Área dos encontros subsequentes.....	31

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2 DESENVOLVIMENTO.....</b>	<b>9</b>
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA.....	9
2.2 ETAPAS DO PROJETO.....	12
2.3 OBRAS DISCUTIDAS E ASPECTOS DISTÓPICOS RESSALTADOS..	13
2.4 A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO.....	25
<b>3. CONCLUSÃO.....</b>	<b>25</b>
REFERÊNCIAS.....	28
APÊNDICE A - FOTOS.....	29

## 1. INTRODUÇÃO

A literatura é uma forma de janela para vislumbrar a sociedade próxima ou afastada de nós. Ela pode representar aspectos de uma sociedade do passado, ressaltando com maior ou menor ênfase hábitos e costumes, mas também pode representar aspectos de uma sociedade futura, temporalmente mais afastada ou próxima de nós. A discussão de obras literárias proporciona um enriquecimento das visões individuais que os leitores delas extraem. Uma roda aberta de discussões proporciona vislumbres de aspectos que possam ter passado despercebidos, pois cada um pode ter uma interpretação diversa de outros, baseada em diferentes experiências individuais. Para isso, todos os participantes devem sentir-se à vontade, sem constrangimentos, para expressarem sua opinião.

As distopias literárias fazem parte do gênero da ficção em que o autor cria uma realidade com aspectos sombrios, indesejados dentro daquilo que o ser humano vivencia em uma sociedade teoricamente saudável. As distopias seguem a linha oposta das utopias, cujas obras como a Thomas Morus, *Sobre o melhor estado de uma república que existe na nova ilha Utopia* (1516), que deu origem à palavra, a *Cidade do Sol* (1602), de Campanella, e *Nova Atlântida* (1624), de Francis Bacon, foram elaboradas nos séculos XVI e XVII. As distopias na literatura surgem no século XX como um prognóstico pessimista por parte de seus autores. Podem ser consideradas como um sinal de alerta de algo indesejável no futuro, apontando elementos nocivos e potencialmente degenerativos da sociedade para que estas tomem precauções de modo que esse futuro sombrio não se materialize (Liebel, 2021).

A intenção de utilizar o estudo de distopias nesse evento de extensão foi em virtude do crescente interesse que esse gênero literário tem se mostrado entre os jovens. Segundo Pinto (2022), a recorrência editorial de narrativas distópicas indica uma percepção de que aquilo que antes era projetado no futuro já está se realizando diante de nossos olhos. De acordo com Gallo (2020), nos últimos dez anos, as buscas na rede pelo termo distopia aumentaram em mais de dez vezes só no Brasil. Para que se possa compreender o que é uma distopia, faz-se necessário retroceder à definição de utopias, visto que o surgimento de distopias pode ser compreendido como um perfil alongado do desenvolvimento do gênero utópico.

Uma das questões propostas para o grupo discutir é o que caracteriza uma distopia. Para isso, foram pesquisados estudos anteriores sobre o tema e apresentados para o grupo avaliá-los. Essa discussão foi feita em paralelo à leitura de obras classificadas como tal

pela opinião geral. Após a leitura de cada obra, foram discutidos os aspectos que o grupo considerou ou não como característicos de uma distopia, sempre através de argumentos bem construídos. Dessa forma, o objetivo geral foi o de constituir uma comunidade de investigação composta por estudantes e comunidade externa à Universidade a fim de caracterizar o conceito de distopia em obras selecionadas, buscando delimitar como este gênero literário se diferencia de outros assemelhados.

Uma segunda questão discutida dentro do grupo é a relação do momento histórico em que as distopias foram escritas e publicadas, ou seja, se houve uma motivação promovida pelo cenário externo ao autor para levá-lo a escrever a obra. Starling (2021, p. 221) escreve que para construir uma obra distópica “o autor deve ter uma boa dose de realismo, pois precisa combinar sua própria subjetividade, a força de seu desejo e de sua imaginação com a capacidade de observação atenta dos perigos concretos de sua época”. Muitas vezes, devido ao momento político pelo qual um país passa, há o estímulo para as editoras e livrarias de relançar obras mais antigas. O grupo deve analisar e avaliar essa possível relação.

Os objetivos específicos do projeto foram:

- Formar uma comunidade de investigação composta por estudantes universitários assim como pela comunidade externa à Universidade.
- Ler e discutir obras literárias classificadas como distopias pelos órgãos de divulgação.
- Relacionar a obra com o momento e sociedade no qual o autor está inserido.
- Identificar em cada obra os aspectos distópicos retratados.

Segundo Deleuze e Guattari (1996), a filosofia é a arte de formar, fabricar, inventar conceitos. O filósofo pensa e inventa o conceito. Na filosofia, os conceitos são criados ou revistos em função de problemas que se consideram mal vistos ou mal colocados. Foi, assim, comunitariamente, com os e as participantes dessa ação de extensão, e orientados por um professor do curso de filosofia da UFRGS, que buscou-se ler e debater as obras selecionadas para repensar o conceito já existente de distopia, assim como delimitar um conceito de distopia que refletisse as leituras feitas e as percepções dos e das participantes. Trata-se do exercício da construção de um conceito que certamente existe e está operante, mas que pode sempre receber novos delineamentos. Esse exercício de pensar um conceito de distopia através da discussão de algumas obras que tratam do tema provavelmente gere algo datado, do momento de nossa discussão,



pois “todo conceito está constantemente submetido a exigências de renovação, de substituição, de mutação, que dão à filosofia uma história e uma geografia agitadas” (Deleuze; Guattari, 1996, p. 16).

Na seção 2 desse trabalho são descritas as etapas do projeto de extensão em consonância com os objetivos específicos propostos. Inicialmente é contextualizado o tema do projeto distopia. A seguir são descritas as etapas de planejamento, com a reunião da equipe e a definição de responsabilidades. Por fim, a seção encerra com um resumo da discussão das obras escolhidas, referente aos três últimos objetivos específicos propostos, quais sejam: ler e discutir as obras; relacioná-las com o momento em que foram escritas; identificar os aspectos distópicos de cada uma. A seção 3 faz uma apreciação do evento, ressaltando erros e acertos e a eficácia das ações. Por fim, são anexadas algumas fotos representativas dos encontros e do material de divulgação.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

Para o entendimento do que representa a distopia, é incontornável o entendimento da utopia, já que elas representam as duas faces de uma moeda que pode ser caracterizada como nossa sociedade. A utopia nasce como conceito juntamente com uma obra literária publicada em 1516 por Thomas Morus. Nessa obra há o relato da existência de um mundo maravilhosos, tão perfeito que não poderia existir dada a situação real do mundo com o qual o autor faz um contraponto. De acordo com a etimologia da palavra Utopia, pode-se assumir a tradução de *tópos* como lugar, já o prefixo "u" atribuirá ao termo *tópos* uma carga semântica negativa, de forma que a palavra utopia compreende, já em sua etimologia, a ideia de um não-lugar (Gallo, 2020).

Segundo Berriel (2005, 2005, p.5),

a utopia clássica se desenvolve construindo um hiato (insanável) entre a história real e o espaço reservado para as projeções utópicas; a descoberta de um país distante, até então ignorado (como no enredo de Morus, Campanella e outros) se tornou símbolo de uma fratura não apenas geográfica, mas, sobretudo histórica. A distopia busca colocar-se em continuidade com o processo histórico, ampliando e formalizando as tendências negativas operantes no presente que, se não forem obstruídas, podem conduzir, quase fatalmente, às sociedades perversas (a própria distopia).

Segundo Pinto (2022), as utopias pertencem à esfera intramundana, pois são sociedades criadas pela ação humana, ao contrário dos eldorados míticos religiosos como a Era de Ouro dos gregos ou o jardim do Éden dos cristãos. Para Gallo (2020), as utopias constroem e realizam um Estado ideal, projeto que é compartilhado por um grande conjunto de indivíduos. Não há necessidade alguma de coerção social nesses espaços utópicos, pois a convergência de seus cidadãos diante do projeto utópico proposto é total.

A origem do termo distopia ainda gera algum debate, mas segundo Starling (2021), foi o pensador liberal inglês John Stuart Mill que, em 1868, chamou de distopia a descrição ficcional de um governo esmagadoramente opressivo, projetado no futuro. Anteriormente, uma situação desse tipo era chamada de cacotopia, termo criado pelo pensador utilitarista Jeremy Bentham. A distopia se configura a partir desse resíduo obstruído por um Estado que imagina estar fazendo o melhor por sua perspectiva, suprimindo a liberdade de grupos específicos da população ou de toda ela. A imagem da distopia é, portanto, “a do exílio da humanidade, tornada resíduo” (Berriel, 2005, p. 5). A partir de então, as ramificações de descrições de uma sociedade distópica se tornaram mais abrangentes, saindo do âmbito exclusivo de um governo opressivo e passando a outras formas de um futuro difícil em um ambiente degenerado por diferentes razões.

O surgimento do gênero literário da distopia ainda gera discussão. Segundo Liebel (2021), pode-se considerar o livro *O último homem*, escrito por Mary Shelley em 1826 como o precursor do gênero. Seguindo a mesma linha de seu livro mais famosos, *Frankenstein*, escrito oito anos antes, ele narra os malefícios de uma sociedade industrial e crescente individualismo. Embora a origem do gênero tenha sido o século XIX, sem dúvida alguma foi durante o século XX que ele se desenvolve em sua plenitude. O século XX apresentou situações que foram utilizadas pelos escritores que viram um futuro sombrio a partir do que estavam presenciando, como regimes totalitários, uso abusivo da tecnologia, massificação dos meios de comunicação, ressurgimento de questões raciais e de gênero.

Segundo Moisés (2013, p. 131), a distopia “caracteriza-se pela antevisão de um lugar imaginário onde reinaria o caos, a desordem, a anarquia, a tirania, ao contrário do paraíso cristão ou dos mitos de felicidade eterna, cidade do sol, shangri-la, eldorado, xanadu, terra de maravilhas, arcádia, país de Cocanha.”

Liebel (2021) destaca que as obras a respeito de distopias podem ser classificadas em diferentes categorias. Inicialmente, estão as distopias pré-ideológicas, que antecedem à Primeira Guerra Mundial. Elas se caracterizam pela criação de monstros em decorrência

do não controle do avanço tecnológico e de um distanciamento do ser humano em relação ao mundo. *A ilha do Doutor Moreau* (1896), de H.G. Wells; *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley; *Senhor do mundo* (1907), de Robert Benson, podem ser exemplos dessa categoria. Essas distopias podem ser confundidas com ficção científica, mas já apresentam um elemento que irá caracterizar as obras posteriores no século XX, que é um fundo moralista.

A seguir há as distopias ideológicas, que surgem após a Primeira Guerra. Elas mostram outras formas de pensar a sociedade e o papel do Estado. Nessas distopias existem dois campos, o do Estado, totalitário e querendo reger comportamentos, com supressão da individualidade, e os resistentes. Foram elaboradas a partir do papel excessivamente preponderante do Estado em alguns países. Exemplos dessas obras podem ser citadas *Nós* (1924), de Zaniátin; *1984* (1949), de George Orwell; *O conto da aia* (1985), de Margaret Atwood; *Anthem* (1938), de Ayn Rand; *Divergente* (2011), de Verônica Roth.

A terceira categoria segundo Liebel (2021) são as distopias tecnológicas, nas quais a tecnologia é o motor fundamental de uma nova sociedade, aparentando-se com as distopias pré-ideológicas, mas desta vez com uma tecnologia generalizada que dissemina-se na sociedade. Como exemplos podem ser citadas *Admirável mundo novo* (1932), de Aldous Huxley; *Fahrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury. Esse grupo de distopias pode se confundir com a ficção científica, dado ao papel da tecnologia no enredo da história. Há também as distopias com fundo de desastre ecológico, baseadas nas teorias do antropoceno, como *Não verás país nenhum* (1981), de Ignácio de Loyola Brandão.

Essa categorização proposta por Liebel deixa algumas obras de fora, caracterizando justamente a ainda indefinição do que seria uma distopia. Obras como *Ensaio sobre a cegueira* (1995), de José Saramago, *Laranja mecânica* (1961), de Ray Bradbury, *O senhor das moscas* (1954), de William Golding, *O último ancestral* (2021), de Alê Santos, *Submissão* (2015), de Michel Houellebecq, *Não me abandone jamais* (2005), de Kazuo Ishiguro, embora alguma sendo citadas por Liebel, não encontram um espaço claro nas categorias anteriores. Algumas destas, discutidas pelo grupo do evento, se aproximam tanto de nossa realidade atual que ficam na margem opostas àquelas que podem ser confundidas com ficção científica.

Uma série de livros foram selecionados com o intuito de gerar os encontros dos eventos de extensão. Todos apresentam uma sociedade distópica sob diferentes aspectos. Alguns são muito similares às nossas sociedades, enquanto outros apresentam um futuro

distante com um grande desenvolvimento científico. Um dos aspectos que deve ser discutido no grupo é o que pode diferenciar uma ficção científica de uma distopia. Um segundo aspecto, que pode decorrer desse primeiro, é o que caracteriza uma distopia na literatura. Em outras palavras, algumas das obras aqui descritas são classificadas como distopias, mas são muito similares a um romance escrito em um cenário aparentemente próximo do normal. Logo, por que são consideradas distopias? Caberá ao grupo discutir essas duas questões.

As obras foram propositadamente escolhidas para que inicialmente os participantes tivessem contato com obras indiscutivelmente distópicas, para então, depois, terem contato com obras cujo aspecto distópico é mais discutível. Esse exercício é necessário para que o grupo procure os limites do que pode ser considerado uma obra distópica, pois ainda existe confusão no sentido daquilo que pode ser considerado como tal. Os limites não definidos, o alargamento de seu conceito, podem levar uma ficção científica ser considerada distópica, ou mesmo uma obra mais prosaica em nossa realidade, com algum aspecto mínimo de estranheza, também ser considerada uma distopia. O esclarecimento desses limites é o desafio que o grupo se propôs.

## 2.2 ETAPAS DO PROJETO

Após a proposição do projeto de extensão como trabalho de conclusão, foi aberta para os alunos de diferentes cursos da UFRGS a possibilidade de participarem como integrantes da equipe de organização. Os inscritos foram divididos em diferentes grupos de trabalho com atividades bem definidas: administração de redes sociais; criação de conteúdo; contextualização histórica e curiosidades sobre a obra; abertura dos debates, com questões importantes e elementos centrais das obras; organização do local (livraria Cirkula) e controle de presença; controle das inscrições pelo formulário. Foi criado um mail para o evento ([projetodistopiaufrgs@gmail.com](mailto:projetodistopiaufrgs@gmail.com)), um Instagram ([@projetodistopiaufrgs](https://www.instagram.com/projetodistopiaufrgs)) (Figura 1 – Apêndice) e uma ficha de inscrição pelo googledocs.

Ao longo desse projeto, foram realizados dez (10) encontros durante os quais foram discutidas dez obras. Pela sua ordem, as obras lidas e discutidas foram: *Nós* (17/06); *Admirável mundo novo* (08/07); *1984* (29/07); *Fahrenheit 451* (12/08); *Laranja mecânica* (02/09); *O senhor das moscas* (23/09); *O conto da Aia* (14/10); *Ensaio sobre a cegueira* (04/11); *Não verás país nenhum* (24/11); *O último ancestral* (09/12). O grupo elaborou uma página digital do evento onde eram divulgados os encontros com suas respectivas obras. Na semana de realização dos encontros, membros da equipe

preparavam e publicavam no meio eletrônico um resumo da obra e da vida do autor (Figura 2 – Apêndice). No início de cada encontro, dois alunos apresentavam esse conteúdo, expondo uma pequena biografia do autor e a contextualização da obra. A seguir era iniciado o debate com questões iniciais e com a mediação do proponente do projeto. Os encontros iniciavam às 15 horas na livraria Cirkula e estendiam-se até aproximadamente às 18 horas.

A seleção e a sequência das obras foram propostas pelo proponente do projeto. As primeiras cinco obras são consideradas distopias clássicas pelos meios de divulgação. As demais obras são ainda fruto de discussão, com algumas listas incluindo alguma e outras não. Ou seja, em virtude da própria incerteza dos limites daquilo que pode ser considerado como uma obra distópica, as listagens de obras apresentam discrepâncias. Houve a intenção de incluir duas obras de autores brasileiros (as duas últimas) para mostrar que esse gênero também é objeto de interesse em nosso meio. Com a intenção de estimular os participantes, já no primeiro encontro foram apresentadas as oito obras iniciais, deixando em aberto e para votação, as duas últimas obras. A intenção foi de, além de proporcionar um grau de decisão ao grupo, já ter uma visão daquilo que o grupo tinha de bagagem sobre o que poderia ser uma obra distópica. As duas obras escolhidas foram *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, e *O último ancestral*, de Ale Santos.

Os encontros reuniam em média 20 a 25 participantes, entre público externo e membros da equipe. Embora inicialmente a discussão sempre iniciasse com a visão de cada um sobre a obra e sobre seus aspectos distópicos mais marcantes, a liberdade proporcionada e estimulada na discussão levava a associações e relações com outras obras ou meios de comunicação, como filmes e séries televisivas. Em todos os encontros, entre várias outras, uma pergunta era sempre levantada: quais os aspectos que caracterizavam aquela obra como distópica. A relação da obra com a realidade sempre foi estimulada pelo mediador, principalmente no aspecto de quão distante estamos desse cenário presente na obra. A diversidade de vivências dos participantes enriquecia as discussões e as levavam para muito além daquilo exposto na obra, resultando em reflexões que aos poucos contribuíam para a construção daquilo que o grupo considerava como distopia.

### 2.3 OBRAS DISCUTIDAS E ASPECTOS DISTÓPICOS RESSALTADOS

O livro *Nós*, de Ievguêni Zamiátin, foi escrito entre 1920 e 1921, mas publicado em inglês em 1924 fora da União Soviética (onde será publicado somente em 1988). O livro mostra o poder de um Estado único, no qual as pessoas não possuem nome, mas são

caracterizadas por números, o que quebra a individualidade. O controle é total sobre o que as pessoas vestem e sobre a correspondência. A liberdade de expressão é praticamente nula e o horário de tudo o que a pessoa deve fazer é previamente determinado. As pessoas só têm liberdade de fazer o que querem entre 16-17h e 21-22h. As casas têm paredes de vidro, cujas cortinas só podem ser fechadas nos encontros sexuais previamente estabelecidos através da troca de cartões. Quanto à religião, o Deus único antigo, desconhecido, é substituído pelo Estado único Benfeitor. Segundo esse Estado, os antigos tinham a liberdade, mas não a felicidade, e ele se propõe a inverter essa relação (Zamiátin, 2017). A sociedade descrita não é hegemônica, pois fora de seus muros os habitantes, chamados de méfis, ou peludos, vivem em contato com a natureza e sem a tecnologia disponível do outro lado.

Alguns aspectos característicos de distopias identificados e discutidos pelo grupo foram: a existência de um Estado altamente centralizado que considera a noção de que o homem, na sua incapacidade de boas decisões devido à sua extrema liberdade, não decide bem e se torna infeliz. Sabendo que o indivíduo não será capaz de encontrar o seu melhor caminho por si só, o Estado assume a direção através da repressão e do controle de todos os aspectos do cotidiano. Outros aspectos distópicos encontrados foram a identificação de pessoas por números e não nomes (quebra da individualidade); roupas padronizadas e idênticas para ambos os sexos; setores para delação de desvios de comportamento e guardiões para punir esses desvios; controle de correspondências e conversas de rua; literatura a serviço do Estado; ausência de laços familiares; Deus é o Estado único, na figura de seu benfeitor; existência de um grande conflito como linha divisória do antes e do agora. Tudo isso pode ser resumido em que uma sociedade controlável é uma sociedade harmônica e que faz seus componentes felizes. Só a ordem evitará que os homens caiam nos erros do passado em virtude de sua excessiva liberdade. Foi inevitável a associação da obra com o contexto da União Soviética e do stalinismo de então, na qual o autor viveu.

O livro *Admirável mundo novo* foi escrito por Aldous Huxley e publicado em 1932. Seu tema central é a manipulação genética em uma sociedade do futuro. Segundo o romance, um dos principais instrumentos de estabilidade social do Estado Mundial surgido após uma guerra é a padronização do ser humano. Em virtude da manipulação genética, os óvulos são fecundados e controlados de forma a produzir indivíduos que poderiam ser categorizadas desde seu nascimento em Alfas, Betas, Gamas, Deltas e Ipsilons, em ordem decrescente de inteligência. Os embriões são submetidos a condições

que os tornam aptos, quando adultos, a gostarem do ambiente físico em que irão trabalhar. Nas palavras do diretor de pesquisa, “tal é a finalidade de todo o condicionamento: fazer as pessoas amarem o destino social de que não podem escapar” (Huxley, 2014). Os bebês Delta, por exemplo, são condicionados a não gostarem de livros e flores por levarem choques elétricos. Há a busca pela estabilidade social, mas esta, ao contrário do que ocorria no passado, é alcançada através da destruição do núcleo familiar e das relações emotivas baseadas no amor. Por isso, há a inexistência de laços familiares e de monogamia. A expressão “pai”, por exemplo, é indecorosa e não mais usada.

A opinião do grupo foi de que essa é uma das obras mais ricas quando se pensa em distopia. Entre vários marcadores que caracterizam as distopias, o principal aspecto discutido pelo grupo foi a centralização de decisões por um Estado único que vê, assim como na obra anterior, o poder de decidir das pessoas como uma ameaça à estabilidade social. Para isso, modificou-se geneticamente a população para que o questionamento sobre toda a reestruturação social não viesse à tona por parte das categorias mais inferiores. A harmonia social é oriunda do condicionamento de cada grupo saber os seus papéis e não contestar isso. A leitura era desestimulada. Como a decisão do que vestir é uma manifestação do individualismo, também ocorre nessa obra a igualdade de vestimentas para cada estamento. Quem detém o privilégio e o domínio da ciência decide como os outros vão viver. A partir disso, a discussão abordou o papel da ciência para aumentar ou diminuir a desigualdade. Aspectos do capitalismo e economia de mercado foram ressaltados, como o estímulo ao consumo e a prática de esportes que exigissem a compra de acessórios para sua prática. A relação da produção em massa, com clara menção ao fordismo, mostra a relação necessária do capitalismo de produção-consumo-investimento nessa sociedade distópica. O grupo ressaltou que nessa obra, assim como na anterior (*Nós*), a sociedade descrita está isolada de uma outra mais primitiva, sem tecnologia e vivendo de um modo selvagem, com características como envelhecimento das pessoas, amamentação de bebês, cheiro corporal e lixo e pessoas obesas, características são muito próprias do nosso mundo atual.

O livro *1984*, de George Orwell, foi publicado em 1949 e retrata um mundo no futuro que supostamente está dividido em três grandes áreas (Oceânia, Eurásia, Lestásia) em eterno conflito entre elas, com mudanças periódicas de quem é aliado ou inimigo. É um mundo em que as pessoas são vigiadas em suas residências através de telas e delações de vizinhos. Boa parte da população (85%) é composta por “proletas”, que subsistem precariamente em ambientes sórdidos. O aparato governamental ficava sob o domínio do

chamado Grande Irmão, com 4 ministérios (da paz, do amor, da pujança, da verdade) que faziam exatamente o contrário do que seu nome diz. O principal personagem, que trabalha no Ministério da verdade, tinha a tarefa de reescrever fatos passados de forma a se conformar com a visão atual do governo. O domínio sobre o povo é exercido através da representação de um inimigo, seja o país com o qual está em guerra, seja através da figura de sabotadores (representado por Emmanuel Goldstein). As relações familiares ainda existem, mas é um convívio sem amor e com possíveis delações de filhos contra os pais (Orwell, 2020).

Há muitos aspectos distópicos que foram discutidos nessa obra, por muitos do grupo considerada como a mais representativa do gênero. O aspecto sórdido das moradias, das ruas, mostra um futuro triste, em que a tecnologia não é predominante. Essa distopia se caracteriza pela desintegração social a seu mais baixo nível, em que familiares se denunciam em um ambiente de constante desconfiança e vigilância. Um dos mais marcantes é a vigilância sobre as pessoas e invasão de sua privacidade por um líder denominado Grande Irmão, forjado pelo partido dominante, que se imiscui na vida privada das pessoas através das teletelas (a única tecnologia marcante). Um outro é o da simplificação do conteúdo dos meios escritos, com jornais apresentando somente seções de esportes, crimes e astrologia. A história é reescrita como uma apropriação do passado, de acordo com os interesses do poder (o passado é tudo aquilo que o partido decide que seja). A tentativa da união da população se faz através da existência de um inimigo, tanto externo quanto interno. Esse inimigo interno, Emmanuel Goldstein, tanto pelo nome como pelo rosto judaico mostra como Orwell trouxe parte da realidade vivenciada na década de 1940 para esse futuro provável. Essa guerra externa contra Lestásia e Eurásia existe realmente, ou é um subterfúgio para o controle? A própria linguagem (Novilíngua) está sendo simplificada cada vez mais para estreitar o âmbito de pensamento, pela incapacidade linguística de expressar o descontentamento ou ideias subversivas. Segundo uma das personagens, a verdadeira finalidade da Novilíngua é estreitar o âmbito do pensamento. Com isso, o pensamento-crime será impossível.

Assim como nas obras *Admirável mundo novo* e *Nós*, o grupo de discussão ressaltou que essa sociedade de controle, de vigilância, não era para todos. Os chamados proletas, que representavam 85% da população, estavam fora dela. Embora vivessem na mesma cidade, não eram tão controlados quanto os membros do partido exterior do qual faziam parte as principais personagens, tanto por teletelas quanto em seus



relacionamentos amorosos. Em uma frase significativa do livro, é colocado que as massas só podem desfrutar de liberdade intelectual porque carecem de intelecto.

*Fahrenheit 451* foi escrito e publicado por Ray Bradbury em 1953. O personagem principal desse romance distópico é um bombeiro com a missão de, ao invés de apagar incêndios, queimar livros. As casas são construídas e mobiliadas com material antifogo, o que possibilita a esses bombeiros usarem lança-chamas a uma temperatura de 451 Fahrenheit, temperatura a qual queima os livros. As pessoas que se recusarem a sair da casa cujos livros serão queimados serão queimadas juntas. Não há uma data para essa distopia, mas há a referência a uma guerra atômica anterior. Nessa distopia, assim como em outras obras, registros sobre o passado devem ser modificados para que a situação vigente não seja contestada. Um dos documentos dos bombeiros, por exemplo, revela que o corpo de bombeiros foi criado em 1790 para queimar livros de influência inglesa nas colônias, sendo Benjamin Franklin o primeiro bombeiro.

O problema com os livros é que eles fazem as pessoas pensarem, mas as pessoas não devem fazer perguntas, e sim serem felizes em sua ignorância. A intelectualidade gera um sentimento de inferioridade nos outros, e isso deve ser eliminado (Bradbury, 2017). Nessa história, as pessoas perdem sua identidade, não pensam, banalizam-se. Elas não se distinguem umas das outras através de sua individualidade, pois isso só tem origem quando pensam por si próprias. A proposta de um grupo de dissidentes do qual o personagem principal se aproxima é não esquecer o que o homem uma vez foi e o que uma vez produziu. Antes da reconstrução, os homens devem se olhar no espelho para, deste modo, se reconhecerem e partirem para a reconstrução a partir do que eles são e se veem, e não como a nova sociedade as constitui. Bradbury escreve sua obra não mais no contexto do nazifascismo, mas do império da indústria cultural e da sociedade do consumo, de uma anestesia política produzida pela servidão voluntária (Pinto, 2022).

Nesta distopia, os principais aspectos discutidos foram os livros, sua influência na sociedade, e a individualidade do homem. Os livros fazem pensar, por isso são ameaçadores. Em um determinado momento, uma personagem diz que existe mais de uma maneira de queimar os livros (além do lança-chamas), que é simplificando-os, eliminando partes, palavras longas, metáforas, ou tudo aquilo que o editor dessa nova versão achar desnecessário, até que *Hamlet* não passasse de um verbete. Um aspecto percebido é a menor significância da tecnologia nessa sociedade distópica, ficando restrita ao material inflamável das casas e os sabujos mecânicos (robôs) que perseguiam os fugitivos.

O grupo discutiu que novamente o passado é manipulado, mostrando uma uniformidade com as distopias anteriormente lidas. Nesse momento, foi salientada a importância da história como mestre da vida, como uma indicação do que foi certo ou errado no desenvolvimento das sociedades. Apagando o passado, há uma menor compreensão do presente e os erros cometidos podem voltar a ocorrer. Um ponto crucial de discussão no grupo foi a própria declaração de um dos chefes dos bombeiros de que a banalização da literatura não veio do governo. Não houve nenhum decreto, nenhuma declaração, nenhuma censura como ponto de partida. Ou seja, parece ainda mais amedrontador, pois partiu do próprio público leitor que se desconstituiu como um leitor crítico.

O livro *Laranja mecânica* foi escrito em 1961 por Anthony Burgess. A história se passa em Londres em um futuro indeterminado. O tema central da obra é a violência urbana que toma conta da cidade e os meios de contê-la. Os grupos de jovens da cidade têm uma linguagem própria e deleitam-se em praticar violência entre eles e em pessoas inocentes. A vida familiar existe, assim como um sistema de educação. Mas a violência parece brotar de forma orgânica nesses jovens, o que faz com que o Estado desenvolva um meio de erradicá-la. Este novo projeto é desenvolvido em virtude da ineficácia do sistema prisional na recuperação dos delinquentes. Uma vez preso, a personagem principal é submetida a este tratamento, que consiste no uso de drogas e em filmes violentos aos quais ele é obrigado a assistir. Isso o deixa com náuseas cada vez que ele pensa em praticar uma violência. Ele passa a ser uma pessoa incapaz de uma escolha moral. Mesmo querendo ou desejando praticar uma ação violenta, o sentimento de náusea é tão forte que o único modo de aplacá-la é o de ter um pensamento bondoso e subserviente. De modo que não é tanto pelo querer fazer o bem que ele se regenera, mas pelo medo de sentir-se mal ao vislumbrar uma ação reprovável (Burgess, 2011).

Inicialmente foi assinalada a sutileza dessa obra quanto aos aspectos distópicos. Ao contrário das obras anteriores, essa é uma sociedade muito próxima de nós, inclusive quanto à violência. Não há tecnologias marcantes, supressão de individualidades, nem um autoritarismo que se imiscui na vida das pessoas. Por isso, como ponto focal, o grupo discutiu a questão da violência e o livre arbítrio de cometê-la ou não, pois esse é o ponto principal do livro. Por trás disso está o de poder decidir fazer ou não um ato repreensível socialmente. Em determinado momento foi dito que um homem que não pode escolher deixa de ser um homem. O grupo discutiu que o tratamento que a personagem sofre não gera resultados permanentes. O que acaba resolvendo é a própria maturidade do jovem

que acaba se desenvolvendo, pois ele começa a pensar em ter uma família, embora ele saiba que os problemas que ele terá com seus filhos serão os mesmos que ele teve com seus pais. Um ponto levantado na discussão foram formas de tratar a violência e de que forma isso deve levar em conta o psíquico das pessoas. Há tanto uma crítica ao sistema prisional quanto a tratamentos extremos como o feito na personagem.

*O senhor das moscas* foi escrito pelo inglês William Golding e publicado em 1954. O tema é o convívio de meninos em uma ilha deserta após um desastre aéreo. A idade do grupo de meninos é entre 6 e 12 anos, com uma clara divisão entre os mais velhos e os mais novos em termos de protagonismo na história. Os meninos mais novos são meros coadjuvantes no enredo de um conflito que começa a surgir entre dois grupos de meninos mais velhos. Um dos grupos é liderado por Ralph, um menino que assume a liderança inicial de todo grupo através de uma rápida votação. Sua liderança tem como meta a de ser salvo. Por isso, dedica esforço seu e do grupo para seguir regras e manter uma fogueira acesa para que navios que porventura passem perto consigam vê-los. Aos poucos um grupo dissidente liderado por Jack vai surgindo. Jack, ao contrário de Ralph, dá pouca importância à fogueira, às regras e em ser salvo. O que lhe atrai é a diversão da caça e o provimento de carne. Aos poucos Ralph vai ficando isolado e acaba sendo perseguido como um animal pelo outro grupo, até encontrar um adulto que acaba de desembarcar na ilha.

Esse é um dos livros que desafia o conceito clássico de distopia, pois é uma pequena sociedade localizada e formada por um evento acidental. No entanto, o grupo de discussão encontrou alguns marcadores que podem classificá-la como distopia. O principal aspecto discutido foi o da formação de grupos de interesse antagônicos, com um deles não aceitando as regras estabelecidas inicialmente e transgredindo-as. A relação de armas e violência fica clara. Um dos grupos, liderado por Jack, coloca como objetivo a caça, mas o que inicialmente começa como caça a javali e seus rituais, se torna uma caça a membros do outro grupo. Inevitavelmente foi feita a associação disso com o crescente armamentismo de nossa sociedade, em que presumíveis caçadores alegam isso como subterfúgio para portar armas.

Um ponto que deixou o grupo de discussão intrigado foi a possibilidade do enredo do livro ser um experimento planejado. As evidências para isso são diversas. Não há meninas no grupo; o acidente de avião não é descrito, apenas mencionado; nenhum adulto está presente, nem se referem a mortos na queda; os adultos surgem em um momento crítico, com a expressão do capitão que os encontra dizendo que esperava mais deles por

serem meninos britânicos. Fosse ou não um experimento, o grupo chegou à conclusão de que essa seria uma amostra de como seria o recomeço de uma sociedade destruída. Foi lembrado que esse livro foi escrito em um momento da Guerra Fria, em que o conflito da Coreia tinha a recém terminado (1953), a URSS já era detentora de armas atômicas e a corrida armamentista estava acelerando. Uma frase marcante levantada pelo grupo é que a distopia ocorre quando uma sociedade muda o seu modo de ser, não necessariamente que seja algo novo, com tecnologia ou centralismo absoluto. Nesse caso, a presuntiva nova sociedade formada na ilha não conseguiu ficar unida, pois o respeito uma tentativa de organização foi desprezada por um grupo. Por fim, um aspecto ressaltado é a inexistência de uma tecnologia dominante para a sustentação dessa situação distópica, seguindo a linha do já discutido *Laranja mecânica*. Esse aspecto de ligação entre tecnologia e distopia será posteriormente incorporado ao conceito de distopia que aos poucos o grupo vai construindo.

O livro *O conto da aia* foi escrito em 1985 por Margaret Atwood. Seu enredo conta a história de mulheres obrigadas a serem subservientes em uma sociedade carregadas de regras de conduta que vão se revelando à medida em que a narração em primeira pessoa ocorre. A narradora já viveu em uma época em que as coisas se assemelhavam à nossa sociedade. Por isso, sua narração é carregada de visões de um passado feliz. Esse grupo de mulheres do qual a narradora faz parte usa uma vestimenta típica (roupa vermelha e touca branca de abas longas) e, após um treinamento para suas funções domésticas, são direcionadas para determinadas famílias. As aias, como são chamadas, têm inúmeras restrições, como não poder ler, escrever, sair sozinhas, beber álcool, fumar, e olhar para os lados quando saem na rua, sempre estando acompanhadas. Os ambientes em que vivem não têm nenhum apetrecho que lhes possibilite o suicídio. A sociedade em que vivem é o resultado de um golpe militar. O ambiente em que se passa a história, chamado de Gilead, tem uma delimitação geográfica definida nos Estados Unidos, ou seja, é regional. Visitantes de outras regiões as veem com curiosidade quando saem às ruas. Devido a uma situação não bem definida, as mulheres das famílias das quais as aias fazem parte, não podem ter filhos. Por isso, a função principal dessas aias acaba sendo a de reprodução de filhos que não a verão com mãe, e sim a esposa titular do marido. O ato sexual, sem emoção nenhuma, é precedido de uma cerimônia religiosa, estando a esposa presente durante todo o ato como se fosse ela que estivesse tendo o ato com o marido, e não a aia. Após o nascimento, o bebê era levado até a esposa. A aia nem via a criança, pois as outras aias obstruíam sua visão. A esposa, com o bebê que não era

seu, recebe os cumprimentos das outras amigas como se ela tivesse dado à luz (Atwood, 2017).

O tema principal da obra é o papel de um grupo de mulheres em uma sociedade machista e conservadora. As aias são retiradas de sua vida normal sem o consentimento delas e submetidas a condições de liberdade restrita. A sociedade vira uma sociedade fundamentalista e retrógrada, não existindo mais nem cesarianas nem anestésicos para a hora do parto. Tem-se, então, uma combinação de conservadorismo a partir de um fundamentalismo religioso que resulta em uma posição totalmente subalterna para um grupo de mulheres. Não há a quem apelar nesse estado de Gilead, pois o governo é fruto desse golpe de estado. O grupo ressaltou que a imagem das aias foi utilizada mais contemporaneamente em manifestações políticas nos Estados Unidos. Grupos de mulheres fantasiadas de aias fizeram manifestações contra aspectos machistas que o governo do país demonstrava. Também foi ressaltado que os governos com aspectos mais conservadores (Trump e Bolsonaro) mostram sintomas da misoginia que podem resultar em novas Gileads. Foi discutido que essa situação descrita no livro foi resultado de uma modificação da política de um país, não era um fenômeno global. Disso resulta que distopias podem ser locais, e mesmo efêmeras, pois a situação pode voltar a ser o que era no momento em que esse grupo que tomou o poder o perca. Outro aspecto identificado foi que novamente tem-se uma distopia que não se baseia em tecnologias disruptivas. Isso mostra que as distopias podem estar mais próximas e possíveis do que pensamos. Não é necessária uma tecnologia disruptiva como a manipulação genética de *Admirável Mundo Novo* para ocorrer. Basta que grupos radicais assumam politicamente o controle de um estado e imponham medidas cerceadoras da liberdade com o estabelecimento de diferenças entre grupos que compõem a sociedade.

A obra *Ensaio sobre a cegueira* foi escrita por José Saramago em 1995 e seu tema principal é o gradual acometimento de uma cegueira branca (as pessoas enxergavam a branquitude, ao invés da escuridão) em uma cidade. Como foi uma epidemia gradual, aqueles que ficavam cegos eram isolados em um antigo e abandonado hospital, com poucos meios de subsistência e sem nenhum contato com a sociedade fora de seus muros. Uma das personagens não fica cega, mas decide acompanhar seu marido no isolamento. Nesse local, são formados grupos a partir da divisão nos dormitórios. Um dos grupos assume de forma violenta o controle dos alimentos fornecidos diariamente, exigindo em troca bens de valor e favores sexuais das mulheres dos outros dormitórios. A partir da liderança da mulher que não fica cega, há uma revolta e morte do grupo opressor através

de um incêndio. Os sobreviventes percebem que ninguém mais exerce vigilância fora dos muros e decide voltar para suas casas. Para surpresa, todos na cidade estão cegos e lutando para conseguir alimentos e local para dormir. As cenas descritas pela mulher que conservou a visão são de um abandono, morte e confusão generalizada na cidade. Por fim, todos recuperam gradualmente a visão.

Para o início da discussão dessa obra, a pergunta que a mediação fez foi: o que caracteriza essa obra como distópica? Ela não apresenta elementos distópicos tão claramente como *Nós*, *Admirável mundo novo* ou *1984*. O aspecto distópico mais contundente, é a desestruturação social, ressaltando sua semelhança com *O senhos das moscas* no sentido de que, na falta de ordem, de instituições legitimadoras de poder, diferentes grupos de interesse acabam entrando em conflito, vencendo aquele que tiver mais meios. Foi feita a associação do enredo com o de uma potência colonialista a qual, por meio de supremacia militar, exerce dominação sobre outras. Nesse caso, o grupo dominante, que tinha a única arma de fogo do local, acabou sendo vencido pelo grupo que, embora não tivesse armas, de fogo, somente uma tesoura, contava com uma pessoa que podia enxergar.

Foi percebido que uma obra que não deixa tão claros os vetores característicos de uma distopia levaram o grupo a uma discussão mais abrangente, com pontos de vista muito criativos. O grupo foi unânime em considerar que essa obra mais levanta questões do que responde como seria uma distopia. A mulher que não fica cega, pode ser um resquício da civilização que subsiste depois de uma catástrofe, com a perda da humanidade por parte dos outros? Mas o que caracteriza humanidade? Qual o papel da religião nisso tudo? Pois deve haver alguma razão para os santos de uma igreja também estarem de olhos vendados. José Saramago era um grande crítico da Igreja Católica. Essa obra nos coloca em face daquilo que podemos imaginar como seria uma sociedade cujos alicerces foram abalados. Podemos, a partir dos elementos fornecidos, imaginar como seria essa sociedade caso os habitantes não recuperassem a visão? Será que a cegueira não é uma metáfora para uma sociedade que já está cega? É como se Saramago nos desse um vislumbre a partir de um sonho de tudo de ruim que poderia acontecer conosco.

O livro *Não verás país nenhum* foi publicado por Ignácio de Loyola Brandão em 1981 e apresenta em suas páginas um terrível futuro para o Brasil. A história se passa em São Paulo, em um futuro não muito distante, pois a personagem principal, um professor de história despedido de sua posição devido a suspeitas de subversão, constantemente lembra de um passado mais agradável. O autor foca sua distopia em um mundo

ambientalmente arruinado, em que a natureza foi destruída pelos homens a um nível em que não existem mais árvores. Quem quiser ter uma sensação de natureza diante de seus olhos, deve comprar painéis que reproduzem desenhos de árvores. A Amazonia foi transformada em um deserto, e o governo se orgulha disso. O sol é extremamente prejudicial, e as pessoas não podem ficar expostas a ele. A comida é totalmente industrializada, o que prejudica a saúde, e produzida por multinacionais. A cidade é dividida em zonas com circulação limitada somente a alguns habitantes, com bairros exclusivos de moradias luxuosas e, por outro lado, prédios miseráveis e disputados. O governo é militarista, com forte perseguição de suspeitos, falta de respeito à vida e atmosfera de medo e desconfiança. O país não tem mais a dimensão de antes, pois vastas áreas foram arrendadas a outros países. São Paulo sofre uma invasão de nordestinos, das áreas arrendadas, que não têm para onde ir e acumulam-se na periferia da cidade somente para morrer (Brandão, 2021).

Na discussão do grupo ficou claro que o autor caprichou na distopia, agrupando inúmeros elementos característicos desse gênero. Os elementos identificados foram a degradação da natureza e seus efeitos deletérios ao homem; a presença de multinacionais no país, inclusive com perda territorial; a troca de alimentos naturais por artificiais, com saúde deteriorada dos habitantes e falência da saúde pública; a emergência de grupos militares no poder com os civitares e os militécnicos; a setorização da cidade com restrição de circulação, associada à gentrificação; a obrigatoriedade de consumo; imprensa vigiada, sem foco e inócua; bibliotecas nas mãos do governo, sem acesso a documentos sobre o passado; perseguição e expulsão de cientistas. pois estes avisavam os efeitos da mudança climática; água como um bem precioso e escasso; a forma de governo é chamada de “esquema”, sem o autor revelar quem realmente está no comando. Ou seja, o livro é tão claro na descrição do que seria uma distopia que a discussão não evoluiu de forma tão criativa quanto em *O senhor das moscas*, *Ensaio sobre a cegueira* ou *O conto da aia*. Tudo está muito claro e relacionado ao momento em que o autor escreveu a obra, pois o país ainda estava sob um regime militar, em uma década que havia muita discussão sobre o poder das multinacionais e que as questões ambientais estavam vindo à tona. O grupo concordou que ele foi profético em alguns pontos, aliás alguns dos quais alinhados com questões muito discutidas do governo de Jair Bolsonaro.

*O Último ancestral* é uma obra escrita por Alê Santos e publicada em 2021, sendo exemplo do chamado afrofuturismo. O livro descreve uma sociedade do futuro no Brasil mostrando o contraste entre um centro tecnológico desenvolvido habitado por pessoas

brancas e uma periferia precária habitada por pessoas de cor. É evidente a representação das favelas e todos os problemas relacionados com criminalidade e drogas arrastando uma população que não vê outro caminho para subsistir. É muito forte o misticismo na obra, através da retomada da luta ancestral dos escravos contra a opressão branca. O enredo do livro é sobre um rapaz negro que incorpora um espírito ancestral e, ajudado por talentosos jovens da periferia, consegue, através da tecnologia desenvolvida pelos brancos, reverter a situação através de uma guerra civil.

Essa foi a obra distópica mais atual discutida pelo grupo. Aspectos prevaescentes em outras obras, como a uniformização de comportamentos, a escassa liberdade, e a supressão do indivíduo não estão presentes nela. O aspecto distópico inicialmente discutido pelo grupo foi até que ponto o desenvolvimento tecnológico pode ou não aumentar as diferenças sociais. A questão levantada foi: a tecnologia está a disposição de quem? Embora fique claro que os avanços tecnológicos são inicialmente usados em proveito de quem tem o poder de acessá-los, o grupo discutiu que a tecnologia dominada por desfavorecidos pode, de modo violento ou não, suprimir as diferenças. A questão da cor e gênero fica indistinta por quem está atrás de um computador.

#### 2.4 A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO

Ao final do último encontro, foram lembrados todos os marcadores característicos das distopias nas obras discutidas. Nenhuma obra abrangeu todos, mas cada uma referenciou algum ou alguns destes:

- Invasão da privacidade das pessoas;
- Limitação da liberdade pessoal;
- Supressão da individualidade, com padronização de comportamentos e vestimentas;
- Ausência de direitos;
- Utilização do medo como meio de controle;
- Eliminação do núcleo familiar;
- Religião/Deus abolido ou transformado em meio de controle;
- Manipulação do passado pelo Estado;
- Existência ou não de grupos dissidentes e subversivos;
- Âmbito local ou regional da distopia, com existência ou não de grupos excluídos;



- Dominação baseada no gênero;
- Governo centralizador, autocrático;
- Combate a tudo que desenvolve a crítica e o pensamento (ex: livros);
- Destruição do meio-ambiente;
- Forte estímulo ao consumo.

Foi consenso no grupo que as distopias sinalizam questões pertinentes ao momento do autor, a seu tempo e à conjuntura em que ele está inserido. Uma constatação feita pelo grupo é que há uma grande diversidade de cenários onde as distopias acontecem, desde em sociedades futuristas ou ocorrendo em nosso tempo, com Estados totalitários e centralizadores, ou sem Estado, o que leva a conflito entre grupos que não reconhecem uma autoridade acima deles. Diante disso, a construção de um conceito é bastante desafiadora. Baseado nas discussões ao longo de dez encontros, no entanto, e complementando o objetivo geral do projeto, foi feita uma tentativa de caracterização de uma distopia através de um conceito a título de diferenciação de outros gêneros literários, qual seja: a descrição de uma sociedade degenerada no futuro, ou próxima de nosso presente, em que a ordem institucional e a individualidade se veem ameaçadas pela ausência de um Estado ou pela existência de um Estado anômalo pelo seu poder excessivo, que reescreve a história, e em que o desenvolvimento tecnológico, se existente, é a sustentação de uma ordem estabelecida e não sua determinante.

### **3. CONCLUSÃO**

O objetivo do projeto de extensão foi alcançado. Uma comunidade de investigação composta por participantes da comunidade externa e da universidade participou durante seis meses de dez encontros durante os quais foram discutidas obras literárias de temática distópica. Durante esses encontros, foram discutidas as principais características de uma obra distópica com o objetivo de cunhar um conceito que a diferenciasse de outros gêneros literários. A escolha de obras marcadamente distópicas nos primeiros encontros ajudou a sedimentar alguns aspectos incontroversos quanto à distopia em um conceito inicial, ou seja, esse conceito inicial traça linhas que separam obras distópicas da maioria de outras obras de ficção, mas não o suficiente para que sejam bem claras as fronteiras entre essas mesmas obras distópicas e obras de ficção científica, por um lado, e obras

mais prosaicas, com alguma distorção de nossa sociedade atual, por outro. A determinação dessas linhas divisórias foi o grande desafio enfrentado pelo grupo. Analisando por um dos lados, o grupo considerou que obras de cunho marcadamente científico, como *Duna, 2001, uma odisseia no espaço, Androides sonham com ovelhas elétricas (O Caçador de androides)*, ou *A máquina do tempo* (de H.G. Wells), não colocadas na lista de leituras, mas discutidas, colocam a tecnologia como preponderante no enredo da história. Nesse caso, as obras de ficção científica dão um peso maior ao desenvolvimento tecnológico como moldador de uma sociedade futura do que propriamente uma nova estruturação social a partir de grupos de interesse. Embora algumas obras distópicas tenham um cunho tecnológico bem forte, como é o caso de *Admirável mundo novo*, a tecnologia foi desenvolvida com uma finalidade determinada para moldar a sociedade (membros aptos por condicionamento genético para determinadas tarefas). Analisando a situação por outro lado, é também comum nos meios de divulgação a caracterização de obras que tenham algum aspecto um pouco mais distorcido da realidade como distopias, como o livro *Submissão*, de Michel Houellebecq. Nesse caso, a opinião foi de que uma distopia pode basear-se tanto em distorções de nossa sociedade a partir de algo institucionalizado, ou seja, não algo acidental ou de caráter mais efêmero, ou então de algo gerado de dentro da própria sociedade e que, em determinado ponto se torna uma prática. A linha divisória para esse lado, ou seja de diferenciação de obras mais perto de nossa realidade, foi o ponto mais desafiador e controverso, como obras discutidas *Ensaio sobre a cegueira* e *O senhor das moscas* nos mostraram.

Como todos os eventos, houve acertos e erros. O evento apresentou um eficiente sistema de inscrição e divulgação em redes sociais, o que levou o número inicial de inscritos a mais de 40. A divulgação antecipada das obras (Figura 3-Apêndice) possibilitou sua leitura prévia, assim como o material de divulgação antes dos encontros de cada obra (Figura 4-Apêndice), com frases selecionadas servindo como estímulo à participação. Durante o evento era passada uma lista de presença (Figura 5-Apêndice). Os eventos foram os mais participativos possíveis, com a mediação estimulando que todos expusessem suas opiniões de modo totalmente livre. Desde o início foi deixado bem claro que o evento não era uma palestra ou exposição sobre uma obra, mas uma discussão aberta. Uma discussão sobre um tema instigante como são as distopias, inevitavelmente levaram algumas vezes o debate a assuntos diversos. Isso foi visto como natural, pois, como visto ao longo das dez obras discutidas, uma distopia pode revelar-se dos mais

diversos modos, desde pequenas distorções em uma sociedade muito parecida com a nossa, até sociedades altamente tecnológicas, o que levava a várias associações com a realidade dos participantes. Quando isso ocorria, não havia interrupção por parte da mediação, a não ser quando havia a possibilidade de extrapolação do tempo.

Alguns erros foram cometidos e devidamente corrigidos. O primeiro foi a localização do primeiro encontro na livraria Cirkula. O local escolhido foi o saguão de entrada da livraria, escolhido pela equipe de organização em virtude de um maior contato com todos que entrassem no local e com estantes de livros ao redor. Ou seja, para que houvesse uma maior aproximação com o público e onde já havia ocorrido outros encontros patrocinados pela livraria (Figura 6-Apêndice). A escolha não foi acertada em virtude do número elevado de participantes, o que prejudicou os que sentaram mais afastados, o que resultou em uma reclamação. A posição das cadeiras também não foi adequada, pois não foi possível a disposição em círculo para facilitar o debate. A solução foi a transferência dos encontros para uma ampla sala no andar superior, onde foi possível o arranjo em círculo das cadeiras e sem a circulação dos clientes da livraria (Figura 7-Apêndice).

Um outro aspecto que poderia ser melhorado foi o intervalo entre os encontros. A proposta do programa de extensão foi o de discutir 10 obras, iniciando em junho e terminando em dezembro de 2023. Devido ao número de obras e o período disponível, os encontros tiveram um intervalo de 3 semanas entre eles, o que dificultou a leitura das obras para alguns participantes. Talvez um número menor de obras poderia ser mais apropriado.

Como conclusão, pode-se dizer que a avaliação final do projeto de extensão foi positiva pelos questionamentos e dúvidas que trouxe. A proposta era a promoção de um debate aberto sobre distopias baseado em algumas obras selecionadas, o que foi realizado. Se for levado em conta que o filosofar se caracteriza pelos questionamentos que promove, isso foi alcançado em cada um dos encontros. Os participantes sentiram-se à vontade para expressar sua opinião e colaborar para um melhor entendimento do que é uma distopia e como ela pode ser caracterizada como gênero literário. A caracterização de gêneros literários e o enquadramento de obras em determinadas áreas sempre apresentou e continuará apresentando desafios. A própria tentativa de caracterizar cada uma dessas obras foi um método muito positivo no sentido de melhor compreendê-las e mostrar o quanto devemos estar alertas para os sinais que nossa realidade nos mostra e que podem sinalizar uma sociedade distópica para nós mesmos.

## REFERÊNCIAS

- ALTENFELDER, Renata. **Distopia e modernidade: o pessimismo tem seu lugar**. Cerrados, Brasília, n. 52, p. 85-107, maio 2020.
- ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017
- BERRIEL Carlos. Editorial da Morus. **Revista Morus – Utopia e Renascimento - Utopia e Renascimento 2**, p. 4-10, 2005.
- BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. 2 ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.
- BRANDÃO, Inácio de Loyola. **Não verás país nenhum**. 29. ed. São Paulo: Global, 2021.
- BURGUESS, Anthony. **Laranja Mecânica**. São Paulo: Aleph, 2011.
- DELEUZE, Giles.; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1996.
- GOLDING, William. **O senhos das moscas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.
- LIEBEL, Virgínia. Distopia – um gênero na história. In: LIEBAL, S. (org.) **Das utopias modernas às distopias contemporâneas: conceito, prática e representação**. Belo Horizonte: Traço Editora, 2021.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.
- ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- PINTO, Manuel, da C. A distopia do presente. **Revista CULT**. n. 285, ano 25. São Paulo: Bregantini, nov. 2022.
- SANTOS, Alê. **O último ancestral**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2021
- SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- STARLING, Heloísa. Leia e aja: a atualidade do pensamento de Hanna Arendt (posfácio). In: HERBERLEIN, A. **Arendt, entre o amor e o mal: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- TEIXEIRA, Luiz Fernando. Café filosófico: a extensão do pensamento. **Extensão e Sociedade**. Ano 4, Nº6, v.1, 2013.
- UFRGS - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Normas gerais para atividades de extensão universitária**. Resolução nº 75/2019.
- ZAMIÁTIN, Ievgueni. **Nós**. São Paulo: Editora 34, 2017.

## APÊNDICE A

Figura 1 – Cartaz de divulgação



Figura 2 – Pontos resumidos e divulgados sobre o contexto e obra

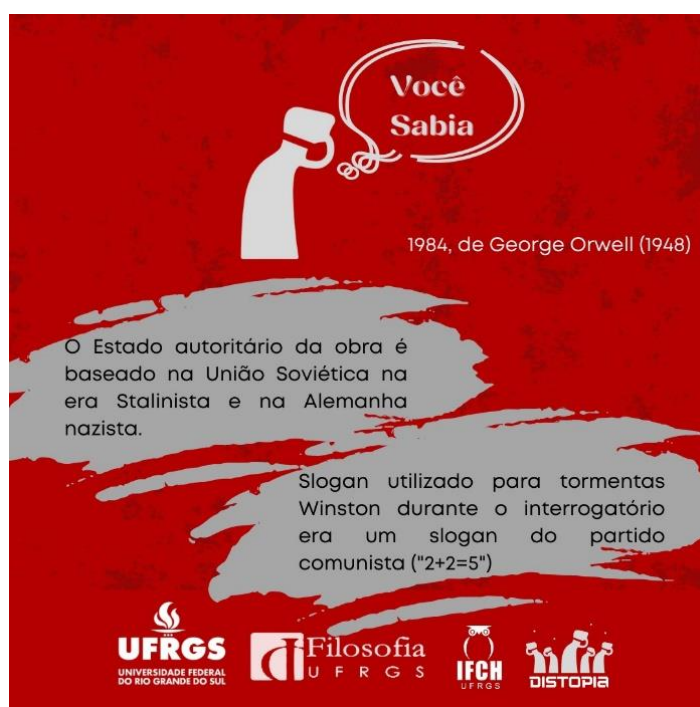


Figura 3 – Programação das leituras



Figura 4 – Divulgação nas redes sociais antes de cada encontro



Figura 5 – Lista de presenças

Nº	Nome	Telefone	E-mail
1	Adriano Carlos de Souza Junior	11 5072-1111	adriano@adriano.com.br
2	Adriano Carlos de Souza Junior	11 5072-1111	adriano@adriano.com.br
3	Adriano Carlos de Souza Junior	11 5072-1111	adriano@adriano.com.br
4	Adriano Carlos de Souza Junior	11 5072-1111	adriano@adriano.com.br
5	Adriano Carlos de Souza Junior	11 5072-1111	adriano@adriano.com.br
6	Adriano Carlos de Souza Junior	11 5072-1111	adriano@adriano.com.br
7	Adriano Carlos de Souza Junior	11 5072-1111	adriano@adriano.com.br
8	Adriano Carlos de Souza Junior	11 5072-1111	adriano@adriano.com.br
9	Adriano Carlos de Souza Junior	11 5072-1111	adriano@adriano.com.br
10	Adriano Carlos de Souza Junior	11 5072-1111	adriano@adriano.com.br
11	Adriano Carlos de Souza Junior	11 5072-1111	adriano@adriano.com.br
12	Adriano Carlos de Souza Junior	11 5072-1111	adriano@adriano.com.br
13	Adriano Carlos de Souza Junior	11 5072-1111	adriano@adriano.com.br
14	Adriano Carlos de Souza Junior	11 5072-1111	adriano@adriano.com.br
15	Adriano Carlos de Souza Junior	11 5072-1111	adriano@adriano.com.br
16	Adriano Carlos de Souza Junior	11 5072-1111	adriano@adriano.com.br
17	Adriano Carlos de Souza Junior	11 5072-1111	adriano@adriano.com.br
18	Adriano Carlos de Souza Junior	11 5072-1111	adriano@adriano.com.br
19	Adriano Carlos de Souza Junior	11 5072-1111	adriano@adriano.com.br
20	Adriano Carlos de Souza Junior	11 5072-1111	adriano@adriano.com.br
21	Adriano Carlos de Souza Junior	11 5072-1111	adriano@adriano.com.br
22	Adriano Carlos de Souza Junior	11 5072-1111	adriano@adriano.com.br
23	Adriano Carlos de Souza Junior	11 5072-1111	adriano@adriano.com.br
24	Adriano Carlos de Souza Junior	11 5072-1111	adriano@adriano.com.br
25	Adriano Carlos de Souza Junior	11 5072-1111	adriano@adriano.com.br

Figura 6 – Área do primeiro encontro



Figura 7 – Área dos encontros subsequentes

